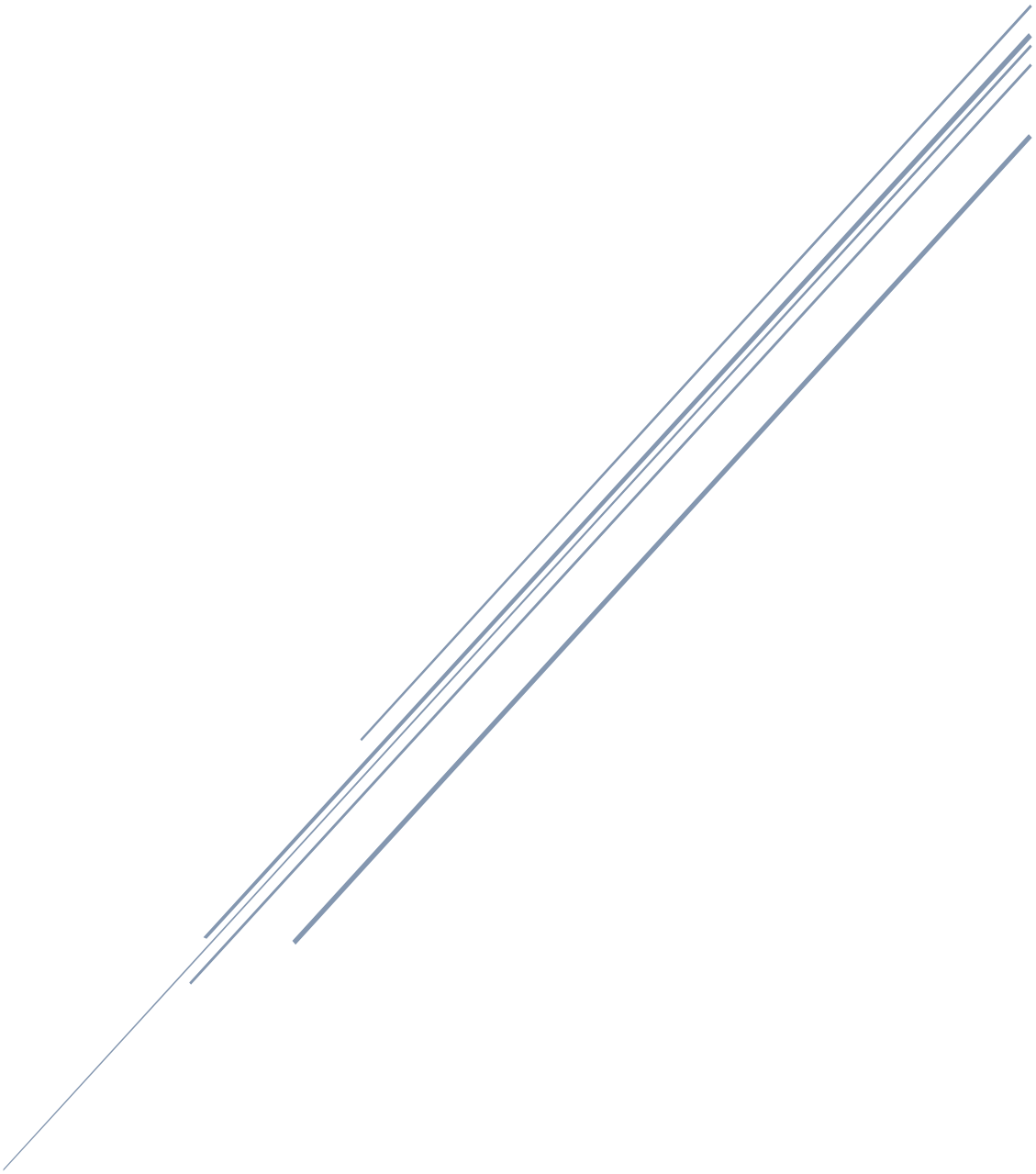
O QUE É A INTERNET



Isabel Mota
0754 – Processador de Texto

Índice Geral

O que é a Internet? 3
Conceitos… 3
Internet 3
Rede de computadores 3
Tipos de redes 3
Local Area Network 3
Wide Area Network 4
Origens da Internet 5
A Internet de hoje 5
Manuseamento 5
Perspectiva geral sobre as ferramentas mais comuns: 6
Sobre browsers e websites 7
Porque é que queremos a Internet? 7
O acesso 8
Motivações da Internet 9
Uma nova abertura 10
Tentativas censórias 11
Limites do virtual 12
Interrogações 13

Índice de Imagens

Imagem 1 3
Imagem 2 4
Imagem 3 6
Imagem 4 9

O que é a Internet?

Conceitos...

Internet

A Internet é constituída por alguns milhões de computadores interconectados entre si.

Rede de computadores

Uma rede de computadores é a interconexão de pelo menos dois, mas normalmente mais, computadores, que podem comunicar uns com os outros.



Imagem 1

Tipos de redes

Local Area Network

Local Area Network ("LAN") ou redes locais: nestas redes, os computadores possuem um elevado grau de proximidade geográfica encontrando-se interconectados por um cabo. Usualmente numa mesma rede existem uma série de computadores pessoais (clientes) e um ou mais servidores centrais responsáveis pela disponibilização de serviços. O processo de comunicação por parte dos computadores clientes é assegurado através dos servers.

Wide Area Network

Wide Area Network ("WAN"): A interconexão entre várias redes LAN, que por vezes possuem um carácter muito distinto e residem em pontos geográficos remotos toma o nome de WAN. A interconexão entre LANs é feita através de nós computacionais univocamente identificados. Os computadores que estabelecem a ligação entre cada uma das LANs e a WAN tomam o nome de Gateways.

A Internet é de longe a maior WAN existente, mas não é a única. É constituída por uma imensidão de nós computacionais (hosts ou servidores), permanentemente conectados entre si através de linhas alugadas. Todos eles se encontram permanentemente ligados e podem-se substituir nas funções uns dos outros em caso de falha de alguns dos nós. Finalmente existem pelo menos alguns milhões de computadores clientes, conectados à rede de hosts.

Permanentemente ou de forma temporária, estes computadores passam a fazer parte da Internet. 'Estar na Internet' não significa necessariamente que existe uma ligação permanente a esta. Só entidades que sejam responsáveis por hosts, como universidades, empresas, organizações é que normalmente possuem ligações permanentes. O utilizador 'normal' efectua o seu acesso à Internet via ISDN ou através de um modem analógico trabalhando de uma forma online/offline. Este efectua de tempos a tempos uma ligação a um host por forma a aceder à Internet.

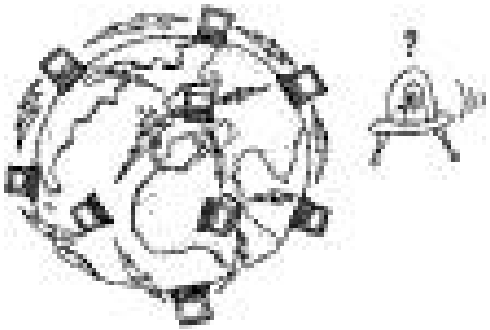


Imagem 2

Origens da Internet

A origem da Internet remonta à década de 60 e ao período da guerra fria. O Pentágono fundou uma organização designada 'Advanced Research Project Agency', ARPA. A principal tarefa da ARPA era a execução de testes de redes de computadores para fins militares. O objectivo último era a construção de uma rede de elevada estabilidade onde os computadores que dela fizessem parte fossem capazes de se substituir uns aos outros em caso de falhas. Desta forma, eventuais catástrofes poderiam originar uma resposta mais eficiente dado que um qualquer computador localizado geograficamente numa zona distinta poderia substituir-se aos computadores afectados, mantendo-se assim a rede em funcionamento assegurando os serviços disponibilizados.

A Internet de hoje

A Internet actual é uma descendente directa da rede ARPA e como tal é também um produto da guerra fria. Durante bastante tempo o uso desta rede foi reservado aos militares. Como é óbvio, as vantagens oferecidas por mecanismos de comunicação rápida ao longo de grandes distâncias são também do interesse de outros utilizadores (não militares) ligados a meios científicos e a organizações governamentais. O foco principal de interesse centrou-se inicialmente nos departamentos científicos das universidades.

Manuseamento

Até ao início da década de 90, era necessário possuir um razoável número de conhecimentos técnicos para aceder à Internet. Com o desenvolvimento da componente gráfica da Internet (www) o acesso e manuseamento da informação contida na Internet ficaram simplificados, democratizando-se (net for everyone). Organizações, entre as quais as militares, à muito que deixaram a Internet para passarem a operar de novo em redes privadas/fechadas.

Perspectiva geral sobre as ferramentas mais comuns:

Chat: (também chamado IRC - Internet Relay Chat) é uma forma síncrona de comunicação entre um número limitado de utilizadores. É mais frequentemente utilizado por jovens.

E-mail:

é a forma mais comum e prática de comunicação entre um número indeterminado de utilizadores possuidores de endereços e-mail. Este foi o primeiro e ainda o mais importante serviço de Internet disponibilizado.

Newsgroups:

permitem que um número ilimitado de participantes intervenham numa discussão sobre um determinado tema.

Motores de busca, directórios e Meta Motores de Busca:

são algumas das ferramentas de maior importância quando pretendemos encontrar informação na Internet. Cada uma destas ferramentas possui um conjunto específico de características que as tornam particularmente adaptadas para a execução de determinadas tarefas.



Imagem 3

Sobre browsers e websites

A www é formada pelo que se designa web sites (ou páginas web e home pages) de empresas, instituições e privados. As páginas de web são uma espécie de montra para apresentação de informação suporte a actividades de relações públicas. As páginas podem incluir texto, imagens, vídeos, banners, animação, etc. As páginas de cada um dos sites podem encontrar-se internamente interligadas através do que se designa por hiperligações (que usualmente se encontram visualmente diferenciadas mediante a aplicação de sublinhados).

Mas os web sites podem ainda encontrar-se ligados entre si através de hiperligações. Para aceder a uma página de web, é necessário fazer uso de um browser (muito provavelmente o Netscape Communicator o o MS Internet Explorer) e, como é obvio, de um acesso à Internet .

Porque é que queremos a Internet?

Na verdade, por um milhão de razões. Utilizamos a Web em busca de informações e entretenimento, para nos mantermos em contacto com os nossos amigos e familiares através do correio electrónico, para efectuar operações bancárias ou fazer compras a partir de casa, para marcar umas férias de última hora, para nos cultivarmos ou apenas para marcarmos presença com uma página Web. Pense numa coisa; há uma forte probabilidade de encontrar uma ou duzentas páginas Web dedicadas ao assunto.

Existe um mundo de interligações. Actualmente, as páginas Web ultrapassam os dois biliões e este número continua a crescer, por isso não acha que é mais do que tempo de o começar explorar?

O acesso

Põe-se-nos, de imediato, o problema do acesso. Quem pode aceder à informação que se multiplica nas redes? Como se sabe, ninguém é proprietário da rede Internet, a cuja harmonização tecnológica se chega mediante uma discussão aberta pelos próprios (grandes) utilizadores. Apesar de os seus custos serem negligenciáveis na utilização, enquanto custos variáveis, os custos fixos já são elevados, acabando o equipamento em servidores de rede (os nós da teia) por ser instalados por administrações ou empresas. Mas isso são os custos transparentes, porque invisíveis, para o utilizador final, doméstico, que normalmente só se preocupa com a factura telefónica e com a do prestador de serviços Internet, visto estar já descontado o preço do computador pessoal. Daqui se deduz que um grande número de utentes não se liga à teia... porque a maioria dos habitantes do planeta está para já mais preocupada em não morrer de fome; sem falar da metade da humanidade que nunca se serviu sequer dum simples aparelho telefónico.

As futuras redes telemáticas irão possibilitar, através da chamada «banda larga», um número maior de serviços, realizando o projecto das «auto-estradas da informação» (designação oriunda duma proposta europeia de meados dos anos 80): banalização das bases de dados (bibliotecas e outras), teletrabalho, televisão interactiva, formação ou cirurgia à distância, comércio electrónico e um leque indeterminado doutras possibilidades. Todavia, se muita coisa é ainda do futuro, muitas existem já hoje e nem por isso transformaram assim tanto a nossa vida, como pretendem fazer crer os gurus tecno, os quais melhor apelidaríamos de crentes fanáticos na todo-poderosa tecnologia.

Que queremos nós dizer com isto? Que na evolução das tecnologias as sociedades assimilam as novidades, fazendo-o, por conseguinte, também os indivíduos, muito embora essa apropriação tecnológica seja diferenciada, como aconteceram precedentemente com outras ditas «revoluções». Consoante os estratos ou classes sociais, a técnica é assumida como vantajosa ou perniciosa, visto não ser neutra, como bem sabemos. No domínio das telecomunicações já a TSF acelerara os contactos, tornando-se estes ainda mais eficazes com o telefone. O uso do telefone, por exemplo, deu origem a novas relações sociais, tal como o correio-e também o está a fazer agora. E depois? A história continua, sempre a retocar a direcção temporal em que evolui.

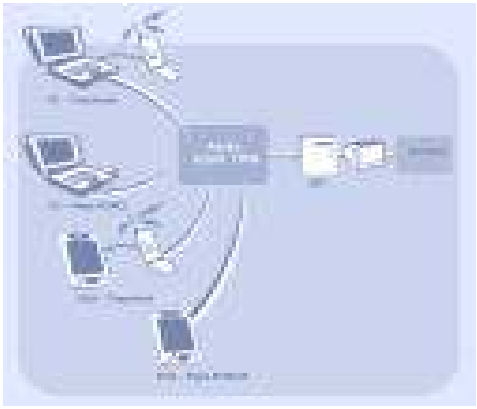


Imagem 4

Motivações da Internet

Na Internet encontram-se múltiplas motivações. A mais presente actualmente reside já na obtenção de lucro pelas empresas, por via da publicidade na rede, sobretudo a partir da WWW (World Wide Web), nisso se destacando as empresas de telecomunicações, que parecem ser as que mais ganham. Mas os sítios individuais, com páginas de hipertexto onde se apresentam aos cibe navegadores as fotografias do cãozinho e da última ida à praia, misturam-se aqui com os das empresas a publicitar produtos, com os da divulgação científica feita pelos próprios investigadores e com todo um manancial de diversificadas informações onde os libertários, obviamente, também estão presentes.

Quem já navegou na Internet pode perceber melhor o que queremos frisar, visto este artigo não chegar a ser sequer um esboço. O que é certo, é que ao fim de algum tempo o deslumbramento se esvai, tal como acontece com a criança enfadada por brinquedos demais. Mas a rede fica lá, mantém-se, sabendo nós onde ir colher a informação ou o contacto com alguém, e isso, é claro, com uma facilidade espantosa. Na velocidade do nosso modem, a informação está na ponta dos nossos dedos. É esse um dos avatares do hipertexto, meio relativamente barato que nos transforma em canguru gigante, saltitão de países e continentes.

É certo que não nos deixamos cair na tentação da técnica da computação e da informática. Não obstante, antevemos que a evolução e expansão da Internet é desde já um fenómeno seguro, que se tornará tão corriqueiro nas sociedades ricas como outros que envolvem o nosso quotidiano. Até chegar esse momento, ainda falta dar muitos passos, visto que, por enquanto, e mesmo tendo em conta o crescimento do número de utilizadores (ou usuários, como se diz além-Atlântico), a maioria dos habitantes do planeta não tem acesso à informação facultada pela rede das redes. Por ora, os que ciber-navegamos por aqui e por ali, somos pessoas com idade inferior a 40 anos, dominamos o Inglês e a gíria informática e pertencemos às classes mais abastadas. A «sociedade da informação» que os políticos e empresários da computação nos prometem está ainda distante, parecendo, de resto, enfermar desde já das mesmas desiguais oportunidades que as sociedades contemporâneas continuam a não eliminar. Não devemos todavia desprezar as imensas possibilidades, tendencialmente instantâneas e independentes do lugar, que com estas tecnologias se adquirem, possibilidades essas que poderão aproximar ricos e pobres no acesso à informação (sobretudo com as possibilidades de liberdade de expressão que este meio nos reserva), enfraquecendo assim os monopólios da informação, ou seja, do poder.

Uma nova abertura...

Este novo paradigma, com efeito, abre pela primeira vez outros horizontes que o texto impresso ou a rádio e a televisão não puderam franquear. O primeiro, o texto impresso, veio permitir uma reprodução da informação; a segunda, a rádio, deu-lhe voz e instante, e a terceira, a TV, acrescentou-lhe a imagem. Mas a Internet, além destas formas, trouxe a possibilidade de interagir, de corresponder e de o fazermos com custos muito baixos, desprezando os custos fixos de hardware, como já vimos.

Qualquer um de nós pode escrever o que entender, no respeito de uma ética auto-assumida que cada qual se atribui enquanto regras de convivência consensuais, diria até de inspiração não autoritária.

Mas também aqui a tentação autoritária aparece: em certas listas de correio-eletrónico encontram-se com frequência os que parecem agir sem qualquer respeito pelos co-participantes, levando isso a que surjam os «salvadores» da netiqueta (etiqueta da rede), brotando assim novos «representantes do povo»...

Tentativas censórias

Além destes maus e bons, também nas administrações públicas há vozes que pretendem controlar a expressão livre que até agora tem perdurado na rede. São certamente conhecidas as novas resoluções de pendor censório do Congresso estadunidense, que parecem ser agora objecto de análise dos tribunais, pretextando o combate à pornografia ou aos extremismos políticos. Tais resoluções mostram de imediato um desconhecimento do que se passa nas redes, cujo conteúdo é por enquanto tecnicamente incontrolável e onde essas ervas daninhas não ultrapassarão, percentualmente, 1 ou 2% do total.

De facto, a Internet apresenta-se como um espaço livre por ter sido estranha e adversa a qualquer controle administrativo, estatal ou privado, da sua forte liberdade de expressão, admitindo apenas as regras que a própria cibercomunidade vai estabelecido entre si. A auto-regulação que governa a Internet é de tal ordem que as generalidades das complexas regras técnicas de funcionamento foram elas próprias criadas assim, evacuando a normalização técnica de morosos e burocráticos processos de certificação. Considerando a Internet a partir do nosso ângulo de visão como intrinsecamente libertária, não será pois de estranhar a rapidez com que a generalidade dos sítios Web passou a ficar decorada com o laço azul defensor da liberdade de expressão, aquando dos diversos assomos censórios que o Estado tem mostrado, a pretexto duma luta pelos «bons costumes» ou da protecção das crianças. Mais uma vez a auto-regulação da Internet se mostrou eficaz, tendo sido apresentadas soluções técnicas que poderão, mediante um simples software, impedir o acesso a certos conteúdos, não por decisão estatal mas antes por opção dos próprios utilizadores, que dessa maneira poderão bloquear às crianças o acesso a imagens excessivamente chocantes, um pouco como procede a classificação etária dos espectáculos, que permite aos pais decidirem acerca daquilo a que os

filhos menores podem assistir. Antevemos assim que as perspectivas censórias dos congressistas conservadores dos Estados Unidos serão liquidadas rapidamente. E não estarão eles, a pretexto da política de costumes, visando precisamente os movimentos alternativos, que têm encontrado na teia novas possibilidades de divulgação e intercâmbio dos seus pontos de vista, agora a uma escala global?

Limites do virtual

Outros vaticinam para a Internet funções na criação de comunidades, unindo indivíduos pelos seus diferentes centros de interesses. Não cremos, quanto a nós, que alguma vez as relações em carne e osso possam ser superiorizadas pelas relações virtuais. Estas acabam por se mostrar muito reduzidas, criando uma visão unidimensional; é o que ocorre, por exemplo, no paleio (chat) via rede, por muito transcendente que este se apresente. A análise do homem unidimensional levada a cabo por Marcuse parece-nos não ser inadequada a este novo meio de comunicação, que também pode reflectir e multiplicar, com muita eficácia, a imbecilidade e a falta de gosto, tal como serve as ideias giras e inteligentes... Daí que, como qualquer outra mediação, a Internet não possa, por definição, ser encarada como um fim, um objectivo de vida ou de sociedade. Podendo porém (e devendo?) ser utilizada para aumentar as relações entre os indivíduos, ampliando deste modo o seu campo de possibilidades. E incrementando-se, do mesmo passo, a imprevisibilidade do sistema social, analisado este a partir duma óptica cibernética.

Ao ser comunicada, a informação circula sem limites de espaço, ultrapassando a própria escrita, que já possibilitara ao conhecimento a superação dos limites de tempo (abstraindo dos suportes de transmissão ou de arquivo). E aqui o carácter intrinsecamente libertário reafirma-se, fazendo jus à democracia falsificada analisada por Chomsky. A capacidade de escolha é um passo da auto-organização, sendo esta por seu turno um passo fundamentalmente desestruturado do Estado.

Uma tecnologia tendencialmente ubíqua como esta pode contribuir para a recuperação da palavra, que é uma condição da cidadania e da participação plena de cada pessoa nas decisões que lhe dizem respeito.

Interrogações

A prática dos utilizadores tem mostrado uma grande vontade de participação, embora algumas interrogações perdurem relativamente a essa vontade:

a) Será ela capaz de transpor o mundo virtual em que evolui, para se consubstanciar numa prática política e social conducente à efectivação da democracia directa?

b) Com o alargamento actual, em formato «grande público», não irá esmorecer essa vontade de participação em proveito duma Internet pronto-a-vestir, tal como a abstenção social sucede a uma forte participação política, sobretudo quando se muda o referencial para uma escala de massas?

c) Como ultrapassar um certo imperialismo linguístico que continua a impor o inglês da América do Norte como língua franca, dando assim prioridade óbvia aos países anglófonos, em detrimento da variedade de idiomas?

Seja como for, a emancipação social não é filha única da tecnologia, antes resulta de um processo de luta contra os poderes e de afirmação do indivíduo. O «bom uso» da Internet é também instrumento desse processo...

Fontes:

http://gilleanes.blogspot.com/2008/12/web-sites.html

https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_de_computadores